

Futuro desanimador

ERIKA KLINGL

DA EQUIPE DO CORREIO

Problemas cardíacos, hipertensão, câncer, dores de coluna e diabetes já fazem parte da vida de 29,9% dos brasileiros. Essa é uma das principais conclusões da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) Saúde 2003. Divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o levantamento mostra que são as mulheres as que mais desenvolvem essas doenças, com média de quase 34%, contra 25% dos homens. A situação é mais grave nos idosos. O percentual de brasileiros com mais de 65 anos que declararam ter ao menos uma doença crônica chega a 77,6%.

O problema tende a se agravar, uma vez que em outras pesquisas, o IBGE acusa o rápido envelhecimento da população. "O sistema de saúde tem que se adequar ao novo perfil demográfico que se apresenta com o passar dos anos", argumenta Cláudia Travassos, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, chamada pelo IBGE para avaliar os dados da Pnad. Essa é a primeira vez que o governo tem a possibilidade de comparar os dados da oferta de saúde e de bem-estar do brasileiro. Uma pesquisa igual a divulgada ontem pelo IBGE foi feita em 1998. Houve uma pequena queda entre os brasileiros com doença crônica nesse período. Em 1998, esse percentual foi de 31,6% da população.

Entre as 52,6 milhões de pessoas que declararam ter problemas crônicos diagnosticados por um profissional de saúde, 18,5% informaram ter três ou mais doenças. É o caso do aposentado Sebastião Santos, de 67 anos. Ele tem problemas no coração, pressão alta e diabetes. Na última quarta-feira, a filha dele, Francisca da Chagas dos Santos passou um susto. Ele estava hospitalizado no Hospital Regional de Ceilândia (HRC), que está sem eletrocardiograma. No início da manhã, os dois foram levados de ambulância para Taguatinga para fazer o exame. Era a terceira vez que ele era internado por causa da cardiopatia, em menos de três anos.

Depois de fazer o exame, às 13h, Francisca telefonou para a

Kleber Lima/CB



UNIDADES PÚBLICAS, COMO O HOSPITAL REGIONAL DE TAGUATINGA (HRT), SÃO RESPONSÁVEIS POR 67,5% DAS INTERNAÇÕES DE TODO O PAÍS, UM TOTAL DE 12,3 MILHÕES DE PESSOAS

equipe médica da Ceilândia. Já era hora de buscar o pai que estava há quatro horas longe do respirador e sem comer. Não havia ambulância para buscá-lo. O transporte só apareceu duas horas depois. "Fiquei apavorada, imaginando passar a noite com meu pai no chão frio do hospital de Taguatinga", conta Francisca, que tentou levar o pai de volta de ônibus. "Eu não agüento, fico tonto e cansado. Isso não é forma de tratar um ser humano", revoltou-se Sebastião.

Renda familiar

Internações com a de Sebastião são mais comuns entre pacientes mais carentes que entre os ricos. A Pnad mostra que o número de

pessoas internadas tem relação inversa ao rendimento familiar. A média nacional de internações é de sete a cada 100 habitantes. Entre os que têm renda de até um salário mínimo, o coeficiente sobe para 8,4 a cada 100 pessoas. As pessoas sem rendimento foram as que apresentaram maior coeficiente: 10,6 por 100 pessoas o grupo. De acordo com os dados da pesquisa, cerca de 12,3 milhões de pessoas tiveram uma ou mais internações hospitalares no ano que antecedeu a entrevista. O SUS foi responsável por 67,6% das internações, o que representa um leve crescimento em relação à última edição da pesquisa, em 1998, quando a participação foi de 63,1%.

Apesar dos dados negativos, o brasileiro está satisfeito com a própria saúde. Mas é fato que os ricos estão muito mais contentes que os pobres. A pesquisa mostra que 78,6% da população consideram que tem saúde boa ou muito boa. Entre os que têm renda familiar de até um salário mínimo mensal, a proporção cai para 72,7%.

Já entre os que têm renda de mais de 20 salários mínimos, o percentual de satisfeitos chega a 91,6%. Os homens se consideram mais saudáveis (81%) que as mulheres (76,3%). A legião dos insatisfeitos com a própria saúde soma 6 milhões de pessoas, ou 3,4% da população.